



ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO À HOMOFOBIA/LESBOFOBIA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE NÍVEL FUNDAMENTAL II E MÉDIO DO MUNICÍPIO DE CARUARU - PE

Autor: Márcio Rubens de Oliveira; Orientadora: Allene Carvalho Lage

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; marciorubensoliveira@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar pesquisa em andamento, referente ao estudo sobre percepções e estratégias de enfrentamento à homofobia/lesbofobia em escolas de ensino Fundamental II e Médio do município de Caruaru. A pesquisa fundamenta-se no interesse sobre a importância de problematizar temáticas relacionadas às percepções e intervenções adotadas no enfrentamento das situações de homofobia/lesbofobia no âmbito da educação escolar, bem como, pela experiência do autor na análise e reflexões realizadas com seus alunos, decorrentes de observações feitas por eles em escolas da região, sobre as intervenções em relação à temática da homofobia/lesbofobia. A pesquisa propõe estudar duas escolas, nas quais serão desenvolvidas atividades de triagem para realizar o recorte necessário e possível para o estudo. Através de observações e aplicação de ferramentas de pesquisa, como entrevistas e questionários será possível levantar dados que possibilitem uma maior compreensão sobre tais questões. Nesse sentido, buscaremos desenvolver reflexões, bem como, dados teóricos e científicos capazes de subsidiar a ampliação da discussão e abertura de espaços que favoreçam ao diálogo e a proposição de estratégias de compreensão e enfrentamento da lógica mutista, tão presente, ainda, no ambiente escolar.

Palavras-chave: Escola, enfrentamento, angústias, homofobia/lesbofobia.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa em andamento, proposta e aprovada na seleção de mestrado 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea – PPGEduc, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Campus Acadêmico do Agreste – CAA, objetiva descrever as estratégias de identificação e compreensão das percepções e intervenções relacionadas à homofobia/lesbofobia nas escolas públicas do

município de Caruaru – PE. A escola representa um espaço de mediação social, na qual diversos fenômenos sociais se relacionam com o cotidiano da vida escolar. Dessa forma, faz-se necessário que a instituição escolar possa apresentar condições de lidar com as reproduções das relações sociais e culturais vivenciadas por seus alunos em seu espaço de vivências coletivas.

Entretanto, alguns gargalos parecem atrapalhar o desenvolvimento de melhores formas de enfrentamento de realidades conflituosas, sobretudo quando estas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realidades se relacionam a questões de origem sexual e de gênero. Uma dessas situações é a homofobia/lesbofobia escolar. Situação que vimos endossar as estatísticas sobre preconceito, intolerância, violência, evasão escolar, entre tantas outras situações que caberiam nesta pasta.

É notória a importância de criar condições e possibilidades de discussão sobre educação sexual, homossexualidades, gênero, homofobia e lesbofobia na escola. Enquanto não se resolve em qual lugar deve existir esta discussão e reflexões, as violações vão se acumulando e o silêncio, esquivas e boicotes a estes temas retardam o avanço da compreensão delas e conseqüentemente do desenvolvimento de estratégias interventivas. É preciso falar sobre isso, tornar visível o que se tenta velar, sem êxito, considerando às escancaradas manifestações violentas que ocorrem diariamente.

Serão as observações e levantamento de dados provenientes das problematizações propostas por este estudo, que possibilitarão uma melhor compreensão da atual realidade das escolas públicas de Caruaru – PE, no que se refere às percepções e intervenções relacionadas ao enfrentamento da homofobia/lesbofobia nas escolas. Além, é claro de buscar com tais descobertas colaborar para que outras pesquisas também possam ser realizadas, no sentido de aprofundamento da

temática e ampliação das discussões relacionadas a ela.

O interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa justifica-se pela importância de problematizar temáticas relacionadas às percepções e intervenções adotadas no enfrentamento das situações de homofobia/lesbofobia no âmbito da educação escolar. Enquanto instituição de mediação social, a escola exerce um importante papel de desenvolvimento das relações sociais, mas também da reflexão, entendimento e discussão delas.

Faz parte da história da escola as diversas manifestações de avanços e ampliação de discussões transversais decorrentes de sua constituição social. Na constante perspectiva histórica de superação das suas identidades, a escola migrou entre caminhos que partiram do entendimento separatista, protecionista e enclausurante, para uma abertura, cada vez menos minada de ruptura com a sociedade. Desse modo, diversas situações da ordem do social, manifestaram-se dentro dos seus muros, obrigando-a a evocar os que estão dentro, mas também, os que estão fora, para refletir sobre tais situações.

Na atualidade não são raras as discussões relacionadas, por exemplo, ao desenvolvimento de estratégias que ofereçam educação sexual nas escolas, com vistas às



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

questões sobre DST's/AIDS, gravidez na adolescência, homossexualidades, gênero, entre outros aspectos. Tudo isso, reforçado pelas inflamadas reivindicações de enfrentamento das situações preconceituosas, de configurações, compreensões e expressões de gênero e homofóbicas/lesbofóbicas, as quais geram angústia, evasão escolar, desrespeito, violência, apartamento social e, também, mortes. Contudo, tais situações parecem não avançar para seus propósitos. Verdadeiras guerras ideológicas, políticas, moralistas e religiosas, representadas por grupos chamados “minorias”, bem como, por líderes religiosos fundamentalistas, políticos e outros adeptos ao paradigma heteronormativo, mesmo considerando alguns avanços, retardam ou mesmo estagnam tais discussões, e enquanto isso, as estatísticas relacionadas a situações de homofobia/lesbofobia crescem.

A justificativa da pesquisa relaciona-se, ainda, pela experiência do autor com à docência, e, sobretudo, por atividade desenvolvida com alunos da disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação II, dos cursos de licenciatura em Matemática e Física, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Campus Acadêmico do Agreste – CAA, no período letivo 2015.1, que objetivou observar a realidade vivenciada pelas escolas públicas da região, no que se refere às questões e às intervenções referentes

à compreensão e enfrentamento da homofobia/lesbofobia nestas escolas.

Enquanto resultados das observações realizadas pelos alunos, percebemos o quanto a temática é envolvida por questões de ordem moral e, sobretudo religiosas, e que tanto o discurso, quanto a identificação e intervenção nas situações caracterizadas como condutas homofóbicas/lesbofóbicas são sobrepujadas pelo silêncio, esquivia e resistência à reflexão. Diante disso, surgem questionamentos sobre qual é o papel da escola, no que se refere à discussão destes temas, como também, quais as estratégias que podem ser utilizadas para a superação da cultura mutista, claramente observada nas escolas, quando se refere à educação sexual e homofobia/lesbofobia? É mesmo papel da escola, discutir e/ou sistematizar discussões sobre temas transversais, entre os quais, as que se referem à diversidade sexual e homofobia/lesbofobia? Quando e como, de fato, será possível estabelecer canais de discussão sérios e legítimos na escola sobre temas relacionados a preconceitos, sexualidade, homofobia, lesbofobia, entre outros, sem que o imperialismo ideológico, religioso e fundamentalista exerça influências tão intolerantes?

São estas e, possivelmente outras problematizações, que surgirão no decorrer do processo investigatório, as que pretendemos

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



responder e compreender para, assim, contribuir para o desenvolvimento de melhores estratégias de superação da dinâmica silenciosa e tácita, existente nos espaços escolares, bem como, possibilitar a construção de ferramentas mais honestas de enfrentamento das questões relacionadas à homofobia/lesbofobia nas escolas da região.

METODOLOGIA

Além do levantamento histórico/bibliográfico sobre as questões relacionadas ao papel da escola, seu desenvolvimento, suas conquistas e dificuldades, bem como, as questões referentes à história da sexualidade, criação de significados e homofobia/lesbofobia nos espaços escolares, realizaremos, também, pesquisa de campo.

Temos como perspectiva de campo de pesquisa, duas instituições escolares públicas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio do município de Caruaru - PE.

Estas instituições serão escolhidas, a partir do critério da oferta dos níveis de ensino propostos na pesquisa, do quantitativo do quadro de funcionários e alunos da escola, considerando que escolas com maior número de funcionários e alunos exigem maiores intervenções, e, o tempo de existência da escola, considerando escolas elegíveis,

aquelas com mais de 15 anos de oferta dos níveis de ensino estudados.

O critério tempo será considerado, pois muitas transformações vêm ocorrendo nos últimos anos, no que se refere às discussões e reflexões a cerca de diversos temas transversais, decorrentes da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 1997).

Os instrumentos que consideramos para a realização da pesquisa serão o levantamento bibliográfico e observações *in loco* do cotidiano escolar, como já sinalizado anteriormente; proposição de grupo e círculo de discussão com alunos e também com professores, gestores e demais profissionais da educação, para compreensão sobre a maneira como eles percebem à questão da sexualidade, da homofobia/lesbofobia, das configurações de gênero e relações sociais envolvidas nestes temas.

A proposição para a realização do grupo sugere um quantitativo de quinze pessoas para cada escola, contabilizando trinta indivíduos, entre os sujeitos descritos anteriormente. Estes grupos servirão para a realização de uma triagem que selecionará os sujeitos finais da pesquisa, numa perspectiva de oito sujeitos, sendo quatro de cada escola, respeitando a divisão de dois alunos, um professor e/ou gestor e um funcionário (podendo ser o gestor). Com estes sujeitos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realizaremos entrevistas e questionários sobre possíveis vivências de situações relacionadas a preconceitos, ao enfrentamento da homofobia/lesbofobia, a episódios exitosos e não exitosos de resolução de conflitos relacionados à temática, nas escolas estudadas.

A escolha dos sujeitos da pesquisa levará em consideração no caso dos alunos, aqueles que apresentarem histórico de vivência de situações de homofobia/lesbofobia e/ou estiveram em situação em que foram consideradas vivências ou intervenções sofridas em decorrência de questões referentes à homofobia/lesbofobia.

No caso dos professores, serão considerados elegíveis aqueles com vínculo de trabalho efetivo e que atuem na escola, no mínimo por dois anos. Estas exigências são importantes, pois consideram o conhecimento da instituição, a participação em seu percurso histórico e nas tomadas de decisões e intervenções.

Os demais funcionários são importantes neste contexto, pois participam da vida escolar dos alunos de alguma forma, assim podem exercer um papel, tanto de acolhimento, como de repressão, ou mesmo, de violação, no que se refere ao trato com os alunos e suas diferenças.

O critério para a escolha do gestor como sujeito contará com as experiências já

vivenciadas, como também pela disponibilidade apresentada para a participação na pesquisa.

A participação dos sujeitos considerará o livre consentimento e sinalização de disponibilidade, a partir de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, considerando o anonimato dos indivíduos e instituições participantes.

A pesquisa busca observar e desenvolver as reflexões sobre o seu objeto considerando à fronteira entre os diversos saberes que envolvem a temática da homofobia/lesbofobia, como, sexualidade, gênero, políticas educacionais, representações sociais, entre outros.

Propõe-se quantitativa e qualitativa.

Os benefícios que visualizamos com a realização desta pesquisa pressupõe oferecer uma maior compreensão pelos alunos, professores, gestores e trabalhadores da educação, sobre os processos discriminatórios, violentos e angustiantes, referentes à vivência de situações preconceituosas, bem como, contribuição para que, com os elementos identificados, sejam desenvolvidas intervenções mais assertivas e menos excludentes, no que se refere, a casos de homofobia/lesbofobia e relações de gênero nas escolas.

Buscamos, ainda, oferecer reflexões para futuras discussões e proposições de

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



pesquisa que visem ampliar o olhar sobre tais temáticas.

DESENVOLVIMENTO E PERSPECTIVAS

A escola representa uma das mais importantes instituições sociais da nossa história, isto porque atua na perspectiva de mediar o processo de desenvolvimento entre os indivíduos e a sociedade. Com sua capacidade de transmissão da cultura, e consequentemente dos modelos sociais de comportamentos e valores morais, a escola possibilita que os seus agentes ativos e participativos, ou seja, os alunos e professores, “humanizem-se”, cultivem-se, socializem-se, eduquem-se (BOCK, 2002). Quando dizemos que, tanto os agentes ativos como os participativos fazem parte deste processo de construção e aquisição de modos subjetivos, mas, sobretudo coletivos de sociabilidade, falamos sobre os diversos aspectos que permeiam o campo da educação formal e de ensino que a escola protagoniza.

Através da escola, as crianças vão abandonando a imitação dos comportamentos dos adultos e, aos poucos, começam a apropriar-se de modelos valorativos transmitidos na e pela escola (BOCK, 2002; ARIÈS, 2014), ampliando sua autonomia e

desenvolvendo a sua compreensão de pertencimento social.

Entre as diversas configurações que poderíamos destacar a cerca do papel da escola e suas contribuições para o desenvolvimento de habilidades subjetivas e sociais dos seus agentes, apontamos para a capacidade de preparar as crianças, os adolescentes e os jovens para as vivências relacionadas ao universo adulto. A partir da escola, as crianças aprendem a importância do trabalho, aprendem também a trabalhar, a assimilar conhecimentos básicos, regras sociais, crenças, valores morais e coletivos, além, e, sobretudo, aprendem modelos comportamentais, pelos quais a cultura classifica como adequados ou inadequados socialmente (BOCK, 2002; GARRIDO; PIMENTA; MOURA 2000, *Apud.* PEREIRA; BAHIA, 2011).

Desse modo e considerando às peculiaridades e configurações históricas, pelas quais a escola foi se constituindo (ARIÈS, 2014), seja quando atendia às classes mais poderosas da sociedade, seja quando, a partir da revolução industrial, viu-se pressionada a abrir suas portas e possibilidades, também, para às classes trabalhadoras, estabeleceu-se como mediadora entre a criança ou o jovem e as questões técnicas de aprendizagem da leitura, dos cálculos, das técnicas corporais, da música,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mas também, mediadora das questões relacionadas a sociedade e sociabilidade, considerando o exercício do desenvolvimento e ensinamento de valores, de ideias e ideais e de comportamentos. A escola é, portanto, espaço de mediação, de vivência e de transmissão destas características.

Mediadora de processos sociais de transição entre os indivíduos subjetivos e a dinâmica da coletividade socializadora e socializante, a escola participa, ou pelo menos, deveria participar, dos processos dialógicos da sociedade. O atravessamento de diversos temas e discussões sociais atingem as instituições escolares e as obrigam a participarem de maneira efetiva destas reflexões. Poderíamos, inclusive, citar uma infinidade de situações, nas quais a escola figura como coadjuvante, a partir das vivências de seus agentes, entretanto, considerando o objetivo deste estudo, destacamos às questões relacionadas à sexualidade e, mais especificamente, às percepções e intervenções referentes à homofobia/lesbofobia na esfera escolar (BORGES; PASSAMANI; OHLWEILER; BULSING, 2011).

Se observarmos à história da constituição e manutenção da escola, perceberemos o quanto a instituição escolar sofreu modificações ao longo do tempo, principalmente, no que se refere ao seu lugar

social (ARIÈS, 2014). Para além da abertura de suas portas para as classes menos favorecidas, a escola vem, em seu percurso histórico, abrindo espaço para uma maior participação das famílias e sociedade no seu interior e neste processo os fenômenos vivenciais e de relacionamento acabam ampliando o repertório das suas percepções e intervenções.

Enquanto espaço de reprodução de comportamentos e relações sociais a escola vivencia uma série de situações que circundam nossa sociedade nos dias de hoje. As questões de conflitos, dilemas existenciais, preconceitos, entre tantos outros fenômenos inerentes ao processo social, além da eclosão midiática e fatídica, do fenômeno do *bullying*, fazem da escola um espaço propício para as diversas expressões identitárias, ideológicas e vivenciais dos seus agentes e a coloca diante de situações que devem ser enfrentadas com destreza e habilidade capazes de corrigir as defasagens informativas e de conhecimentos, oriundas de uma cultura que reproduz conceitos embasados na heteronormatividade (BORGES; PASSAMANI; OHLWEILER; BULSING, 2011).

Entre estas expressões é possível à observação daquelas relacionadas às questões étnicas, raciais, religiosas e sexuais, como destaca o Programa Brasil Sem Homofobia (BRASIL, 2004). Sem o intuito de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desconsiderar a importância dos demais temas, as questões referentes à sexualidade, que objetivamos protagonizar neste estudo, representa um gargalo importante, no que se refere aos fenômenos contemporâneos, identificados hoje na sociedade brasileira, e também, nos espaços escolares.

Considerando às questões relacionadas à educação sexual, o MEC desenvolveu, por volta do ano de 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, estabelecendo diretrizes que contemplassem ações relativas à educação sexual, entre outros temas transversais (BRASIL, 1997). Estas orientações representaram um significativo avanço para a educação do país, pois a partir disso, a abordagem de temas transversais, entre eles os relativos à sexualidade estariam, oficialmente, sendo trabalhados dentro da escola, promovendo o diálogo e possibilitando ações relacionadas ao que poderíamos pensar ser uma estratégia de educação sexual, em termos de estudo da sexualidade (CÉSAR, 2009).

Entretanto, tais orientações e iniciativas não foram suficientes, pois, muitas escolas não estruturaram sistematicamente seus programas continuados de estudo dos temas transversais (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004), ficando a cargo das instituições e dos professores contemplar os temas dentro de suas disciplinas, sem que

houvesse uma sistematização, o que, até onde conhecemos ocorre de maneira tímida e muitas vezes nem ocorre.

Consideramos que as discussões dos temas transversais representam um importante caminho para o enfrentamento de diversas dificuldades relacionadas aos processos escolares (BRASIL, 1997), entretanto, muitos professores e gestores, ainda se mostram resistentes a estas discussões, por considerarem que temas, como, sexualidade, homossexualidades, homofobia/lesbofobia, gênero, entre outros, por exemplo, são temas para serem trabalhados pela família e não pela escola.

Se considerarmos os processos históricos relacionados à discussão e expressões sexuais, perceberemos que hoje em dia experimentamos uma liberdade sexual maior do que tínhamos em décadas e séculos passados. Mesmo assim, questões religiosas, sociais, médicas e judiciais, ainda representam importantes interferências para uma melhor compreensão sobre o tema. Para Dinis (2011, p. 39),

[...] dizer não se simpatizar ou mesmo odiar pessoas homossexuais ainda é algo não só tolerado, como constitui também em uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina [...],

reforçando o quanto a homofobia é presente no discurso e contextos sociais brasileiros.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



Dito isto, direcionamos nossas especulações sobre as questões envolvendo a temática da homofobia/lesbofobia nas escolas, ou *bullying homofóbico*, como destacam alguns autores como Dinis (2011).

Decorrente de diversas discussões sobre a criminalização, respeito, defesa de direitos homossexuais, vimos uma crescente reivindicação e porque não dizer, denúncias, a cerca de situações nas quais alunos se queixam de sofrerem severas sanções por parte da escola, devido à sua orientação sexual, sua expressão homossexual ou mesmo à vivência da sua sexualidade de maneira “não-normativa”, situações que em muitos casos leva os alunos e também profissionais a assumirem, desde atitudes agressivas até de descaso, gerando violações, angústias, exclusão e abandono escolar por parte das vítimas (DINIS, 2011).

Foucault, referência no âmbito do estudo sobre a historicidade da sexualidade, enfatiza que, em determinado momento histórico, a sexualidade abandonou sua expressão pública e enclausurou-se dentro do espaço doméstico, sendo o quarto o seu novo e permanente lugar. Utilizando-se de suas contribuições, poderíamos associar aquilo que ele destacou para justificar esse enclausuramento, aos aspectos punitivos da expressão da homossexualidade e da homofobia/lesbofobia, relacionados, portanto,

ao que foge à lógica da normatividade, em *A história da sexualidade* ele afirma:

Ao que sobra só resta encobrir-se, o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1988, p.10).

Na homofobia/lesbofobia os homossexuais, homens ou mulheres, representam a anormalidade, na qual a regra é a expulsão, à margem, o isolamento, à repressão, à culpa, à violência, o silêncio, “[...] *de modo que a sua diferença o coloca fora do universo comum dos humanos* [...]” (BORGES; MEVER; 2008, p. 60).

Utilizando-se de expressões viralizadas do tipo: “*aceita que dói menos*”, bem como, a defesa de que os direitos precisam ser iguais para héteros e homossexuais (BRASIL, 2004), a militância favorável a tais causas influencia os indivíduos vitimados pelas expressões dos preconceitos e a escola acaba reproduzindo alguns conflitos sociais, nos quais uma das primeiras situações refere-se às questões identitárias, entre elas a relacionada ao nome social. Mas também, à manifestação afetiva entre os seus alunos, donde casais homoafetivos podem exigir ter o direito da livre expressão afetiva, como ocorre em muitos casos, com os casais heterossexuais (BORTOLINI, 2008).

Muitos estudos revelam que situações relacionadas à intolerância sexual estão se tornando cada vez mais comuns nos espaços



escolares e que o enfrentamento, ou inércia dele, diante dessas situações, muitas vezes, acaba causando desconforto e conflitos na escola (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Desse modo, surgem diversos questionamentos sobre como a escola pode lidar com situações dessa ordem, sem que isso gere, demasiado, prejuízo para o cumprimento do seu papel mediador entre o sujeito e a sociedade? Quais estratégias poderiam ser usadas para que as questões relacionadas à sexualidade e à homofobia fossem tratadas sem que parecesse que o direito de um está sendo ferido em detrimento do direito do outro? Como lidar com as pressões da sociedade e, sobretudo, das famílias que, fundamentalmente e historicamente, desenvolveram-se em torno de culturas estritamente normativas? Como resignificar o entendimento de alunos, professores, gestores e trabalhadores da educação à cerca da temática, diminuindo, portanto, o velamento discriminatório e as intervenções baseadas, muito mais em termo de aspectos valorativos pessoais, do que do bem estar coletivo? (BORTOLINE, 2008; CÉSAR, 2009).

Estas e outras questões são fundamentais para que o enfrentamento à homofobia/lesbofobia possa, de fato, ocorrer. Que os temas relacionados à sexualidade, considerando seus aspectos biológicos,

psicossociais, culturais, de gênero, entre outros, não assumam, apenas, características informativas, como sugerem os PCNs, mas assumam, sobretudo, um caráter interventivo no interior das escolas (ALTMANN, 2001).

Vivenciamos um crescente aumento de manifestação de identidades homossexuais em nossa sociedade e não podemos deixar de pensar em como lidar com esta realidade. Afinal, em muitos casos a escola acaba sendo, junto com o meio social, o local da expressão dessas manifestações, considerando que nossa cultura trancafiou, historicamente, o diálogo sobre sexo e sexualidade dentro dos quartos (FOUCAULT, 1988) e “armários”, e as famílias ainda não falam sobre isso em suas salas e cozinhas.

CONCLUSÃO

Nossas prévias conclusões apontam para a confirmação de que os temas relacionados a gênero, sexualidades, homossexualidades, homofobia/lesbofobia, no contexto escolar, ainda representam importantes resistências, sejam pelas pressões de parcelas da sociedade, sejam por expressões ideológicas, religiosas e/ou políticas de algumas lideranças, ou mesmo, pelos professores e/ou gestores.

O que parece prevalecer e tem sido percebido, nessas observações iniciais, a cerca



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

das teorias pesquisadas, é o silenciamento e distanciamento destas temáticas e discussões, por parte de muitos professores e gestores de escolas públicas.

Esperamos que nossas descobertas possam ampliar nossas expectativas, possibilitando que novos estudos sejam realizados e a escola, bem como, novos espaços de diálogo sejam abertos para a reflexão e fortalecimento das estratégias e intervenções de enfrentamento à homofobia/lesbofobia nas escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G; SILVA, Lorena B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair.; TEIXEIRA, Maria de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BORGES, Z. N.; MEVER, D. E. **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia**. Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar., 2008.
- _____.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.; BULSING, M. **Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul / Brasil)** Educar em Revista, Curitiba: Editora UFPR, n. 39, p. 21-38, jan./abr., 2011.
- BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- CÉSAR, M. R. de A. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia"**. Educar em Revista, Curitiba: Editora UFPR, n. 35, p. 37-51, 2009.
- DINIS, Nilson F. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, Curitiba: Editora UFPR, n. 39, p. 39-50, jan/abr, 2011.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- PEREIRA, G.R.; BAHIA, A. G. M. F. **Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático**.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Educar em Revista, Curitiba: Editora
UFPR, n. 39, p. 51-71, jan/abr, 2011.



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br